

O ano de 2024 ficará marcado pela reflexão sobre o “caminho sinodal” como estilo de vida e de atuação na Igreja, que valoriza a participação de todos os fiéis, o diálogo e a tomada de decisões em conjunto. A “XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos”, realizada em Roma, confirmou o princípio lapidar do cristianismo, insistentemente recordado pelo Papa Francisco: a necessidade de “caminhar juntos”, na comunhão. O resultado do Sínodo foi colocado à disposição de todos pelo Sumo Pontífice, o qual optou por não escrever uma Exortação Pós-Sinodal como de costume. O Documento Final da Assembleia, composto por cinco partes, com 155 parágrafos, enfoca a conversão dos corações e das estruturas eclesiais, fomentando as “relações” (que é uma maneira de ser Igreja) e os “vínculos” (no sentido de um “intercâmbio de dons” entre as Igrejas).

O mundo acadêmico também é chamado a viver esse “caminho sinodal”, isto é, promover o encontro que permite troca de ideias, partilha e conhecimento maior do outro. A Universidade deve ser um espaço de “caminho conjunto”, de “diálogo” e de “afirmação de esperança”. Não basta acumular saberes, recolher informações, promover inovações, mudar paradigmas. Os centros acadêmicos, como espaço privilegiado do saber, são chamados a fazer da escuta um encontro de liberdades, a promoverem o diálogo, na constante disponibilidade para compreender juntos o melhor caminho, no esforço por elaborar de maneira nova as respostas para as questões mais complexas. A sinodalidade precisa acontecer nos processos, na investigação, de sua natureza especializada, de modo que não impeça o diálogo com outros saberes. As estruturas devem ser democráticas, sinodais, colaborativas. Isso significa discussão, trabalho, geração de consensos. Isso está na gênese da Universidade.

Outro fato marcante, acontecido também no mês de outubro de 2024, foi a publicação da quarta encíclica do Papa Francisco, a Carta *Dilexit nos*, sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus Cristo; um texto inteiramente dedicado ao culto do Sagrado Coração de Jesus, para “um mundo que parece ter perdido o coração”. A publicação acontece no ano das celebrações do 350º aniversário da primeira manifestação do Sagrado Coração de Jesus, ocorrida em

1673. A temática da presente encíclica segue a linha de pensamento do Pontífice argentino, pois o coração de Cristo é o centro da misericórdia (conceito-chave do magistério de Francisco). A Encíclica é um convite a repensar as estruturas de poder, sobretudo o poder do dinheiro, o império do efêmero e do consumismo, pois “O amor de Cristo está fora desta engrenagem perversa e só Ele pode libertar-nos desta febre onde já não há lugar para o amor gratuito” (n. 238).

É nesse contexto sinodal, de clamor pela conversão das estruturas eclesiais e sociais e de fortalecimento da fraternidade (“caminhar juntos”), em tempos marcados pela discórdia e guerra, que nasce mais uma edição da Revista Coletânea, dedicada aos diversos temas da filosofia e teologia cristã.

Recolhendo artigos de diferentes pesquisadores e linhas de pesquisas, a Coletânea abre sua edição de número 46, com duas abordagens bíblicas: a análise dos Salmos 146 e 148, de Leonardo Agostini Fernandes e, respectivamente, dos pesquisadores Matthias Grenzer, Fernando Gross e Jonas de Souza Netto. Uma segunda linha temática, de caráter sacramental, apresenta os aspectos pneumatológicos do Sacramento da Crisma, texto de autoria de Rafael Cerqueira Fornasier e Jorge Ricardo da Silva Valois, e do Sacramento da Confissão como sacramento da misericórdia, de Douglas Alves Fontes.

A seguir, José Rafael Solano Durán realiza uma abordagem ontológica da esperança como virtude cristã; D. Mauro Maia Fragoso, OSB reflete sobre os sonhos e visões na hagiografia monástica e nos painéis da Igreja do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro; e, Claudia de Almeida Neto e Luiz Cláudio Moraes Correia, perscrutam os mistérios em torno das imagens de moedas no Sudário.

À luz da filosofia cristã, o tema da verdade aparece em “A teoria da verdade segundo Santo Tomás de Aquino” de Lúcio Souza Lobo e Marco Antônio Pensak e, numa perspectiva mais contemporânea e pastoral, em “A verdade nos tempos da insolidéz”, de Rodrigo Portella.

Três artigos, de temáticas variadas, completam a edição da Coletânea: Marcos Paulo Galvão da Silva trata dos paradoxos do Biopoder em Foucault e Esposito; os pesquisadores João Vicente Ganzarolli de Oliveira e José Antonio dos Santos Borges abordam a relação entre deficiência, tecnologia e sociedade; e a professora Eliana Yunes encerra com uma reflexão sobre a relação entre teologia e literatura (teopoética).

O leitor poderá, ainda, conhecer duas obras a partir das resenhas oferecidas por Vanderlei de Lima, sobre a obra de Dom Anselmo Chagas de Paiva, *A celebração da Santa Missa* e, Mozart Carvalho, sobre a obra de Robert C. Davis, *Escravos Cristãos, Senhores Muçulmanos – Escravidão Branca no Mediterrâneo, na Costa da Barbéria e na Itália, de 1500 a 1800*.

Gilcemar Hohemberger
Editor